



José Gabriel Ávila\*

# Paradoxos da pobreza

Falar de pobreza num mundo cada vez mais desenvolvido pode não motivar os cidadãos, mesmo os mais atentos e preocupados, tão habituais e generalizadas são as contradições sociais.

Nos anos 60 e 70, o problema do subdesenvolvimento dos povos do terceiro mundo, foi largamente analisado e discutido no mundo desenvolvido por instituições internacionais, não só na perspetiva dos direitos humanos, fundamentais para a construção da paz, visando mobilizar a comunidade internacional para se comprometer contra a fome e em favor do desenvolvimento solidário, no pressuposto de que os bens da humanidade devem estar ao serviço de todos.

Num tempo em que a “guerra fria” se estendia pela Indochina (Vietnam, Laos, Camboja), pela África e pela América Latina, gerando a contestação juvenil contra a fome e a guerra, a Igreja Católica desempenhou papel importante com a publicação das encíclicas de João XXIII “Mater et Magistra” (Mãe e Mestre), “Pacem in Terris” (Paz na Terra) e de Paulo VI - a “Populorum Progressio” (O Progresso dos Povos), visando calar as armas e dignificar os povos subdesenvolvidos e oprimidos.

De então para cá, tem-se registado progressos nos direitos humanos. Todavia, a questão mantém-se com novos contornos, agravando-se o fosso entre o reduzido número dos cada vez mais ricos e o vasto e imenso universo dos cada vez mais pobres.

Até no nosso pequeno mundo, onde se julgava que a emigração constituiria uma solução para retirar milhares de famílias da pobreza, não se verificaram significativos progressos, face à evolução social.

Basta que surja uma calamidade, um cataclismo, uma crise económico-financeira para se avolumar o número de carenciados e excluídos: idosos, desempregados, jovens à procura de emprego e trabalhadores com salários baixos que não cobrem as necessidades básicas das famílias, nem conseguem proporcionar aos filhos meios para sair da pobreza em que se encontram.

Os desafios são constantes porque as respostas e as soluções são desadequadas e raramente se fazem reflexões sobre o que correu bem e o que não resultou.

Atira-se dinheiro para cima dos problemas, mas eles não se resolvem, antes ampliam-se e agravam-se porque os agentes/atores políticos preocupam-se mais em publicitar medidas ditas sociais, quando, na verdade, não passam de mezinhas para acalmar a crónica doença da pobreza e das injustiças.

## Dia Mundial dos Pobres

Conhecendo todas estas misérias sociais e pretendendo mudar o paradigma das periferias, o Papa Francisco instituiu, há seis anos, o Dia Mundial dos Pobres. Celebra-se amanhã.

Nos últimos anos, porém, não se tem registado melhorias nas condições de vida dos mais pobres e desfavorecidos.

Na sua mensagem intitulada “Jesus Cristo fez-se pobre por vós”, Francisco, contextualiza o problema: “Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia mostrando sinais de recuperação económica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas(...) mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte a impor ao mundo um cenário diferente.”<sup>1</sup> - a guerra na Ucrânia.

Mas “Quantos pobres gera a insensatez da guerra!” - exclama o Chefe da Igreja Católica, para logo depois destacar o auxílio de várias nações acolhendo refugiados da guerra no Médio Oriente, na África Central e na Ucrânia, como ajuda solidária importante a mulheres e crianças, proporcionando-lhes a devida dignidade. E acrescenta: “a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade.”

## O apego excessivo ao dinheiro

Dirigindo-se aos crentes, Francisco afirma que a relação com os pobres não deve ficar-se pela retórica, mas no “arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém.”

O Papa critica alguns cristão pelo apego excessivo ao dinheiro, e pelo mau uso dos bens e do património. E exemplifica: “alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, ficam empantanados num mau uso dos bens e do

património”.(...) O dinheiro “não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Esse apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efémera e falhada da vida.” acrescenta.

## Não ao assistencialismo

A solução para as questões da pobreza, continua o Papa, não passa pelo assistencialismo prática muito usual, baseada apenas na ideia de que a ninguém deve faltar o necessário. O assistencialismo não liberta nem dignifica a pessoa, mas mantém-na dependente.

O Papa critica este modo de agir, e recomenda: “Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais «concebidas como uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos».”<sup>2</sup>

Com a coragem que lhe é peculiar, o Papa explica as causas da miséria: “A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. (...) Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer.” (nº8)

Francisco termina a sua mensagem para o Dia Mundial dos Pobres com o grande paradoxo da Fé: “a pobreza de Cristo torna-nos ricos”. “Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d’Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.”

Ou, como prefere o Papa citando Charles Foucauld: “Nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres; sejamos os mais pobres dos pobres, como Jesus, e como Ele amemos os pobres e rodeemo-nos deles».



<sup>1</sup>Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres, 13 de novembro de 2022)

<sup>2</sup>Francisco, Carta enc. Fratelli tutti, 169